Fé e crise de sentido em contexto de travessia: debates teóricos e experiências reais do processo de migrar

Faith and crisis of meaning in the contexto of transition: theoretical debates and real experiences of the migration process

*Paula Carlos de Souza**

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o tema da migração no Brasil e no mundo se tornou cada vez mais recorrente. Embora o aumento das notícias sobre o assunto tenha ganhado força em um período relativamente curto, a realidade da migração atravessa os séculos e rompe as fronteiras da humanidade, miscigenando os povos e rearticulando as políticas migratórias.

Migrar sempre foi um ato próprio de todas as espécies de animais. São esses deslocamentos necessários que garantem a sobrevivência de muitas espécies, migra-se para buscar água e alimento; para se reproduzir; e para garantir a vida. Entre os seres humanos a dinâmica se mantém, embora suas condições, muitas vezes, não sejam naturais, quando consideradas as causas e os impactos à vida que esses processos desencadeiam. As grandes crises políticas, econômicas, sociais, climáticas e religiosas ao redor do mundo provocaram, e ainda provocam, grandes movimentações humanas, exigindo novas realidades socioeconômicas e obrigando a busca por novas articulações políticas internacionais. Severino (2012), diz que: "A grande imigração é irmã siamesa da nação moderna, sendo ambas filhas do capitalismo internacional do século XIX" (SEVERINO, 2012, p. 2).

* Arquiteta e Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo, mestra em Ciências da Religião pelo PPGCR da Universidade Católica de Pernambuco e doutoranda pelo mesmo programa. Contato: paula.carlos@hotmail.com

Com este artigo, pretendemos individuar alguns conceitos que orientam o caminho do tema proposto: crise de sentido, fé, significação e ressignificação da própria existência, a experiencia do lugar, do não-lugar e dos entrelugares. O nosso objetivo é apresentar um aporte teórico que nos ajude a identificar a relação do migrante com seu lugar de origem e de chegada, detectando o movimento interno que o externo provoca na reconstrução da própria identidade e das estruturas de plausibilidade que firmam a pessoa e a orientam no caminho a seguir.

A interlocução com perspectivas teóricas diversas nos proporciona uma leitura fundamentada da experiência migratória narrada por um grupo de migrantes mexicanos e peruanos, aos quais tivemos a grata satisfação de ouvir numa conversa cheia de vida e sentido. São relatos dessa vivência que compõem a última parte desse trabalho, que tem como objetivo visitar as experiências compartilhadas em depoimentos orais estruturados em um momento de conversa via *Google Meet*, e que se tornaram fonte de conhecimento fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa. Ainda, observar a partir do aporte teórico como se ocorrem os processos de ressignificação entre os migrantes, compreendendo nos relatos de cada um os conceitos apresentados pelos autores estudados.

2 DEBATES TEÓRICOS: COMPREENDENDO CONCEITOS

O tema da migração abre caminhos para diversos campos de entendimento, sejam esses teóricos ou práticos. Sem deixar de considerar nenhum deles, nossa proposta nesta pesquisa é limitar esse campo de entendimento à compreensão dos processos de desconstrução e construção do sentido e das crises que se desencadeiam nas rupturas provocadas pelas travessias forçadas ou espontâneas, muitas delas provocadas pela ausência do lugar, das pessoas que dão significado as relações sociais e das manifestações culturais que identificam o lugar e o grupo social que nele habita.

> A imigração não ocorre sem deixar marcas, frequentemente de maneira indelével, mesmo sem reconhecê-lo, seja por nos atermos à ilusão da integridade formal e da fidelidade a si, seja por não sermos nem mesmo conscientes disto". (SAYAD, 2000, p. 14)

Fundamentamos nossa pesquisa a partir das obras de Peter Berger (1985; 2012; 2014; 2018), sendo duas delas em coautoria com Thomas Luckmann (2012; 2014). A escolha dá-se por suas ideias claras sobre os processos de

construção do sentido; e por revelar como as "Estruturas de Plausibilidade" contribuem para a significação dele (sentido), seja esse, como consequência de uma época, de um lugar ou de um modo de vida, bem como da relação com os espaços de culto e das comunidades de vida.

2.1 As "Estruturas de Plausibilidade" e sua relação com o lugar

Quando falamos sobre a possibilidade de habitar algo ou um lugar, de certo modo, o nosso imaginário remete-nos a espaços que abrigam e protegem. Sob essas estruturas (abrigo e proteção) se molda um estilo de vida que constitui a própria identidade, seja da pessoa ou do grupo que o habita. Todo ser, e aqui referimo-nos à pessoa enquanto um ser subjetivo, se forma a partir do lugar que habita e que o habita enquanto relações e cultura. Deste modo, ao falarmos sobre "Estruturas de Plausibilidade", e estas em relação ao lugar e à pessoa, queremos falar sobre algo que está além, mas também, sob um espaço físico que forma a consciência e personifica o que está submetido a ele. Quando Peter Berger (1985) conceitua essas Estruturas, ele nos remete à formação de uma consciência social desenvolvida nas relações que coabitam os mesmos espaços e sentidos. Cabe notar que as referidas relações são fundadas numa tradição cultural que norteia o indivíduo nas etapas da própria existência.

O arquiteto e filósofo Igor Guatelli, em suas rodas de conversa com estudantes de arquitetura, costumava dizer que os "rastros" que identificam um lugar são formados, em grande parte, por "aquilo que não mais ainda está lá". Sua fala referia-se sempre àquilo que continuava a formar identidade a partir da memória que se mantinha, mesmo na ausência do objeto construído. Esse pensamento de Guatelli, ajuda-nos a compreender o que Berger (1985) caracteriza como "Estrutura de Plausibilidade", ou seja, uma base social subjetiva e necessária para que o indivíduo continue sua existência, mesmo se ausente enquanto estrutura física, num mundo real para seres humanos reais:

> [...] os mundos são construídos socialmente e mantidos socialmente. Sua realidade perdurável, quer objetiva (como facticidade comum, aceita como óbvia) quer subjetiva (como facticidade impondo-se à consciência individual), depende de processos sociais específicos, a saber, aqueles processos que permanentemente reconstroem e mantém os mundos particulares em apreço (BERGER, 1985, p. 71).

Esses “mundos” são o resultado da adesão da pessoa a um determinado espaço que o vincula a um grupo social e da forma como o grupo aceita e acolhe a pessoa que o compõe. Esse pode não ser o lugar originário, ou o espaço materno, mas deve ser constituído por vínculos que abrigam, protegem e despertam o sentido de segurança, “Quanto mais firme a estrutura de plausibilidade, mais firme o mundo ‘baseado’ nela” (BERGER, 1985, p. 73). As “Estruturas” que tornam plausível o próprio sentido da existência pode ser construídas e reconstruídas todas as vezes que existirem rupturas necessárias, desde que o processo de inserção o localize dentro do espaço-tempo ao qual o grupo está submetido e que se tenha uma identificação com o ambiente natural dele (sentido), seja no que diz respeito aos aspectos culturais, sociais e/ou religiosos.

Dentro da dinâmica que forma as “Estruturas de Plausibilidade”, se organizam os elementos que identificam cada grupo ou pessoa como impressões digitais, únicas e permanentes. Embora adaptáveis, elas vão definindo um modo de vida, formando características específicas que vão perdurar além do espaço-tempo determinado pelos traços culturais de cada povo. Em uma perspectiva antropológica, são nas relações sociais – compreendemos aqui núcleos familiares e comunitários – que se organizam o pensamento, o desenvolvimento da língua, a definição dos costumes, a empatia, a ética, a moral e as crenças. Trata-se de um processo que constitui núcleos de convivência que se sustentam diante de uma mesma perspectiva de vida.

Vale sempre recordar que quando falamos sobre “Estruturas” que identificam um grupo, não nos referimos a uma uniformidade de pensamento. Ao contrário, referimo-nos à formação de uma identidade que permite a diversidade física e subjetiva de cada ser formada a partir de uma estrutura comum. Por mais que as “Estruturas” possam ser reorganizadas diante das inúmeras realidades, seus traços são definitivos na pessoa, rompem-se os processos, mas a experiência vivida alicerça tudo o que “não mais ainda está lá” e o que ainda está por vir.

> A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 221).

Tão cristalizados são os processos identitários que Sayad (2000), em face da dinâmica migratória, diz que os espaços, onde se organizam tais estruturas, são por definição "espaços nostálgicos", ou seja, "[...] lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade" (SAYAD, 2000, p. 12), de sentido, de significados, de vida. Isso porque, na medida em que se forma, a pessoa atribui a si, características próprias do lugar onde foram construídas as bases estruturais da formação da personalidade. São esses elementos que cada migrante carrega sobre si nos processos de deslocamentos: seu povo, sua fé, sua terra, suas entranhas mais profundas, enfim, o seu mundo, com tudo que lhe é próprio.

No entanto, a reorganização das "Estruturas de Plausibilidade", em vista da adaptação a novos espaços, recria um novo mundo, deslocando-o de uma realidade a outra, conduzindo-o à uma nova articulação do 'eu' e das relações sociais, "A 'Estrutura de Plausibilidade' deve tornar-se o mundo do indivíduo, deslocando todos os outros mundos, especialmente o mundo que o indivíduo 'habitava' antes de sua alternação". (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 203).

2.2 A construção do sentido e o desenrolar da crise

Se as "Estruturas de Plausibilidade" formam as pessoas a partir das relações sociais às quais estão submetidas, é oportuno dizer que tais relações também atribuem sentido à vida em todos os seus aspectos. No entanto, se as "Estruturas de Plausibilidade" estão ligadas ao núcleo familiar e ao contexto social, o sentido, por sua vez, na dimensão subjetiva do indivíduo, - naquilo que é próprio de cada um -, "o sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa por meio de processos sociais". (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 14).

Assim, quando falamos de sentido, falamos de tudo o que, de certo modo, está carregado de significado. Ou seja, de tudo o que permite a pessoa ser e sentir, seja na própria individualidade, seja na relação com o outro ou com o espaço habitado. Se observarmos o valor do *Día de Muertos* para o povo mexicano, só podemos dizer o que essa festa significa para a população de um país, quando a compreendermos a partir do sentido que ela tem para cada núcleo familiar e para cada pessoa na relação com os seus mortos.

> O sentido nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências. O inverso também é válido: o sentido de experiências – e, como

> ainda será demonstrado, de ações – será construído em primeiro lugar por especiais realizações 'relacionais' da consciência (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 15).

Assim, entendemos o "sentido" como um conjunto de significados que formam a pessoa, seja subjetivamente, quando forma a própria consciência, seja objetivamente, quando impacta as relações sociais. Muito embora sua construção seja fruto do discernimento pessoal, o sentido é formado a partir de interferências externas, relacionadas ao meio em que vive, às opções do grupo ao qual está inserido e ao contexto mais amplo da vida em sociedade. Berger, afirma que "a sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual" (BERGER, 1985, p. 40).

Berger (1985, p. 38-41) nos fazer entender a construção do sentido, individuando dois conceitos fundamentais na compreensão, tanto o do "sentido", quanto da crise em sua ausência: O 'nomo' é uma realidade estabelecida quando há um ordenamento significativo do mundo construído socialmente. Ou seja, uma organização na fala e nas várias formas de linguagem, nos contextos socioculturais, na ordem comum das coisas e dos fatos. Ao apropriar-se do 'nomo', o "indivíduo dá sentido a própria biografia", (BERGER, 1985, p. 40), ele sabe objetiva e subjetivamente quem é e quem são aqueles que estão ao seu redor, e o que significa cada realidade à qual foi e é submetido. O contrário dessa experiencia, Berger chamará de 'anemia', ou seja, a separação real e radical da pessoa em relação ao ambiente social ao qual está submetido. "(...) o indivíduo não perde, nesses casos, apenas os laços que satisfazem emocionalmente. Perde a sua orientação na experiência." (BERGER, 1985, p. 41). A ausência do 'nomo' exclui a pessoa do ambiente que a edifica enquanto um ser inserido numa determinada realidade. Isso provoca uma não compreensão do que lhe é próprio, da sua identidade, do seu ser, torna-se 'anômico', ou seja, sem mundo (BERGER, 1985, p. 41).

Entender o que de fato caracteriza 'nomo', 'anemia' e 'anomia', nos ajudará a perceber sua relação com a crise desencadeada pela ausência de sentido. Se, de um lado, é uma crise iniciada na consciência da pessoa, por outro, ela está intimamente ligada ao ambiente e ao grupo que vive. Mais adiante, ao narrarmos as experiências concretas de um grupo de migrantes, veremos isto com maior clareza. Todavia, é bom nos depararmos com essa questão já aqui, relacionando-a com as pessoas que, por diversas realidades e necessidades, viveram rupturas provocadas pelos vários tipos de

deslocamentos, sejam esses vividos em situação de migração, seja ainda por rupturas provocadas por distanciamentos sociais, pela morte, por grandes traumas, entre outras condições que distanciam a pessoa do grupo social, religiosos e/ou dos núcleos familiares. Tais rupturas colocam a pessoa diante do vazio provocado pela ausência do núcleo que sustenta as "Estruturas de Plausibilidade" e, consequentemente, daquilo que a define como um ser em relação. Sem a base, a ordem da consciência cede lugar ao caos da indefinição da própria identidade, dando origem a crise de sentido, causa a confusão que leva ao total desequilíbrio, físico, psíquico, social e espiritual.

> Ser separado da sociedade inflige também ao indivíduo intoleráveis tensões psicológicas, tensões que se fundam no fato radicalmente antropológico da socialidade. O perigo supremo de tal separação é, no entanto, o perigo da ausência de sentido. Esse perigo é o pesadelo por excelência, em que o indivíduo é mergulhado num mundo de desordem, incoerência e loucura. A realidade e a identidade são malignamente transformadas em figuras de horror destituídas de sentido (BERGER, 1985, p. 41-42).

Nas situações de crise, a busca de ressignificação da própria existência proporciona um novo entendimento das próprias experiências de vida. A consciência do caos é uma oportunidade de reorientação no 'nomo', em busca de uma nova realidade de sentido, que se dá na coragem de ir além, de inserir-se em um novo grupo social, em dar significado às novas experiências, em perceber novos caminhos de interação. É certo que, diante da solidão da ausência, a pessoa, aberta à novidade, encontra possibilidades de reerguimento das próprias "Estruturas de Plausibilidade". Para isso, as "Comunidades de vida" e as experiências da fé tornam-se fundamentais na reorganização de processos vitais na superação do caos. Neste sentido, é pertinente buscar compreender o que são essas comunidades e como elas auxiliam na superação da crise e na constituição do sentido.

2.3 Comunidades de Vida e a experiência da fé

Dentro dos processos de ressignificação do sentido, próprio da pessoa em constante movimento interior, encontramos a possibilidade da organização do 'nomo' a partir das "Comunidades de Vida". Mais do que um conceito, as "Comunidades de Vida" são possibilidades concretas de reerguimento e reconstrução das próprias experiências. Em algum lugar ou em alguma etapa da vida, todos nós já nos deparamos com a necessidade de encontrar um

grupo, uma Comunidade e, tomando parte nela, assumir uma nova dinâmica de organização das "Estruturas de Plausibilidade" e, consequentemente, da formação de sentido. De forma mais objetiva, podemos dizer que essas Comunidades são grupos formados por pessoas que vivem experiências comuns, sentem necessidades semelhantes, sofrem com dramas reais, em muitos casos são vítimas de um mesmo sistema ou protagonistas de causas que buscam o bem de todos.

Podemos identificar muitas dessas Comunidades entre os jovens, entre grupos de amigos ou nas redes sociais, no ambiente escolar ou nos encontros organizados em eventos temáticos. Entre os adultos, elas podem estar nos clubes e nas igrejas, nas rodas de conversas no final de tarde ou na equipe de trabalho voluntário. Nelas somos iniciados, formados e inseridos; nos identificamos e vivemos etapas da própria existência; vivemos a experiência dos ritos de passagem; e iniciamos e concluímos processos de travessia. Enfim, o que talvez possa até ser demasiado simples tem força na medida que se torna fundamental na organização do eu e das relações sociais. O que agrega valor às "Comunidades de Vida" é a capacidade de abrir-se aos que delas se aproximam e a forma que disponibiliza, no cotidiano e na rotina, caminhos de envolvimento social. Berger e Luckmann (2012) afirmam que:

> As comunidades de vida são caracterizadas por um agir que se repete com regularidade e diretamente recíproco em relações sociais duráveis. Os integrantes depositam uma confiança institucional, ou firmada em outra coisa, na durabilidade da comunidade (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 27).

Entre os que migram, o encontro com as "Comunidades de Vida" torna-se fundamental no processo de adaptação ao novo território e, principalmente, na reconstrução do sentido. A crise provocada pelo deslocamento. – forçado ou não –, o abandono do lugar onde se organiza o sentido, o rompimento com as relações sociais onde foram firmados os afetos e o modo de ver e compreender a vida, precisam necessariamente ser transformados.

> As comunidades de vida pressupõem um mínimo de comunhão de sentido. Esta medida pode ser mínima em algumas sociedades ou para certas formas de comunidade: a concordância pode referir-se apenas ao sentido objetivo dos esquemas do agir social de todo dia, como talvez no antigo governo da casa por escravos ou numa prisão moderna. Mas as comunidades de vida podem também aspirar uma completa concordância em

> todos os estratos de sentido, incluindo as categorias de toda a conduta de vida, como uma ordem monástica ou na representação ideal de um certo tipo de casamento. Mas a maioria das formas de comunidades de vida existentes nas diferentes sociedades e épocas espera atingir um grau de comunhão de sentido que esteja entre o mínimo e o máximo (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 28).

Outra característica fundamental para a legitimação das "Comunidades de Vida" é a sua relação com as experiências religiosas, ou seja, quando elas se formam a partir da religião ou das experiências de fé de cada povo e/ou grupo social: "Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento." (BERGER, 1985, p. 17). É comum nos depararmos com pessoas que põem toda a sua confiança na comunidade de fé, depositando nela toda a possibilidade de ressignificação da própria existência.

Quando a interpretação das "Comunidades de Vida" tornar-se distante do bem comum é possível verificar que essas são mais vulneráveis ao prazer individual ou a segregação do contexto social. Considerando essa realidade, constatamos facilmente, entre os cristãos católicos, o crescimento de "Comunidades de Vida", de caráter pentecostal, que se tornaram verdadeiros guetos, com o objetivo de atender às necessidades que satisfazem, principalmente, os desejos pessoais. Nesse sentido, vale considerar que, "Estruturas de Plausibilidades" frágeis formam comunidades de sentido igualmente frágeis. É o que Berger (1985) afirma quando a Estrutura perde sua integridade, "o mundo cristão começa a vacilar e deixa de se impor como verdade evidente" (BERGER, 1985, p. 72-73).

Por outro lado, "a religião serve, assim, para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder legitimamente tem, contudo, outra importante dimensão – a integração (...)" (BERGER, 1985, p. 67). Deste modo, para muitas pessoas e grupos, o apoio encontrado nos grupos religiosos tornam-se fundamentais na ressignificação do sentido. Apoio este tantas vezes iniciado na partilha do pão, na orientação para documentação, na comunhão diante da dúvida e do medo, no auxílio na hora da angústia e da falta de novas possibilidades. Para muitos migrantes, acompanhar o culto na própria língua, participar das festas e solenidades próprias de seu país em território estrangeiro é sentir-se novamente em casa e encontrar um novo jeito de viver a experiência da fé.

2.4 Viver entrelugares e a possibilidade do retorno

Uma pausa na leitura de Berger nos fez chegar até Abdelmalek Sayad, sociólogo argelino que muito escreveu sobre o fenômeno da migração. Sayad nos propõe uma leitura sobre a dimensão do lugar e do retorno, sempre na dupla perspectiva do imigrante e do emigrante. O pensamento de Sayad nos faz compreender melhor os conceitos em volta das "Estruturas de Plausibilidade" e de "sentido" que nos foram apresentados por Berger.

> Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar, não existe presença em qualquer lugar que não tem a contrapartida de uma ausência alhures. É a própria condição do humano, é a sua finitude que está em causa: não se pode estar presente simultaneamente em dois lugares diferentes, mas se pode ir de um lugar a outro, o espaço se deixa percorrer e permite, assim, uma multipresença sucessiva no tempo. Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o 'ter-estado', não pode jamais tornar-se novamente presente em voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não permite. (SAYAD, 2000, p. 11)

Sayad (2000) ajuda-nos a entender a inquietação que mantém a relação entre a pessoa que migra e seu lugar de origem; nos apresenta um novo modo de compreender a espacialidade ou o território, o 'entrelugares', que vários migrantes vão citar nas entrevistas apresentadas mais adiante. Viver entrelugares é habitar um determinado espaço físico, mas sua vida (suas "Estruturas de Plausibilidade", o sentido) está fincada em outro lugar, na 'Casa-Mãe', no lugar onde tudo, até então, tinha sentido, apesar de todas as dores, da miséria, da perseguição. Viver entrelugares é ter sempre consciência de identificar-se com dois lugares e não possuir nenhum. Não possui porque a travessia já o fez diferente, já desestabilizou as Estruturas, o sentido passa a ter novas configurações, os significados agora permeiam novas realidades. O que chega a um novo território já não é o mesmo que saiu de sua terra.

> [...] não existe verdadeiramente retomo (ao idêntico). Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tomar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se os deixou (SAYAD, 2000, p. 12).

A crise do retorno está intimamente ligada à crise de sentido, porque ambas estão inebriadas de realidades sociais. Elas na subjetividade do indivíduo e se entranha em todo o ser. É nesta dinâmica cheia de relações e significados que se instaura o paradoxo entre chegada e saída, inserção e 'desinserção', toda ausência pressupõe um ausente na vida de alguém (SAYAD, 2000, p. 15). Nesse sentido, a crise migratória como a conhecemos hoje está muito além do que chega ao país, está em quem o recebe e na pessoa que o vê partir. De forma escalonada, as "Estruturas de Plausibilidade" vão se rompendo, os sentidos se dissolvem e a humanidade se encontra diante de uma das suas piores dores, a dor da ausência.

Embora apresentados de forma muito pontual, os conceitos desenvolvidos por Berger, Luckmann e Sayad, nos ajudam a ouvir, a acolher e a transmitir as experiências vividas pelos migrantes entrevistados às pessoas que com eles trabalham. A nossa compreensão do processo de formação de "Estruturas de plausibilidade" e de "Comunidades de vida" não pode ocorrer apenas no sentido teórico e vazio. A teoria ilumina os conceitos, para que possamos compreender aquelas Estruturas e Comunidades, mais a fundo, naquilo que forma o ser que está em relação conosco, seja nos atendimentos específicos, seja quando os escutamos, seja quando narramos suas travessias.

3 LUGARES DE FALAS: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

Do início deste texto até aqui, concentramos nossa atenção em compreender conceitos, agora direcionamos um pouco a atenção a relatos de vida, imagens de um mundo real vivido pelos migrantes. Quem nunca se deliciou com as histórias narradas por muitos de nossos queridos em um fim de tarde, junto com uma boa caneca de café? Conhecemos quem somos e muitas de nossas características pessoais e sociais a partir do que nos contam e apreendemos nos momentos de encontros e partilhas. Para Berger (2014, p. 221) e Bonaccorso (In: CARVALHO; FILHO, 2020, p.15-19), são nessas relações sociais e nos processos que dela se desencadeiam que se modelam, estruturam e mantém a identidade do indivíduo ao mesmo tempo que essa interage sobre a realidade social em que ele vive. Essas experiências, quando compartilhadas em relatos estruturados, ou não, se tornam fonte de conhecimento fundamental para o desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas de estudo. Segundo Verena Alberti, em entrevista a jovens pesquisadores do Ceará,

> (...) a história oral reúne várias coisas de várias disciplinas. Ela pode ser aplicada em várias disciplinas. Mas ela também reúne instrumental teórico de várias

> disciplinas, como da própria história, da sociologia, da antropologia, da teoria da literatura. (Verena Alberti In: FREITAS; ARAÚJO; SALES. 2017, p. 239)

Nesse sentido, quando fazemos uso do método do depoimento oral em nossa pesquisa, o resultado da escuta atenta da experiência do outro nos coloca diante do fato já interpretado a partir da experiência de cada um (CABRAL, 2010). O fato, quando analisado ou comparado a um conjunto de novos relatos, desencadeia novas formas de compreensão sobre si mesmo.

Durante a nossa pesquisa de campo, tivemos encontro com um grupo de migrantes. Dirigimo-nos ao pátio da Missão Paz, guiados pela experiência de nove pessoas que viveram processos de travessia. São cinco mexicanos e quatro peruanos. Ouvindo suas histórias, nos encontramos, de forma concreta, com o que os autores nos apresentaram na seção anterior deste artigo. Alguns deles se encontraram na Missão Paz, outros foram por ela assistidos. Há quem ainda tenha apenas vivenciado ali experiências menos ou mais significativas. Todas as pessoas entrevistadas autorizaram a publicação do nome e de seus relatos, recordando que essas foram feitas por meio de plataformas digitais. Os vídeos com as entrevistas foram salvos em arquivo pessoal. Narraremos essas histórias recordando as palavras que serão, diretas ou indiretamente, transcritas a partir dos temas propostos, sempre considerando que cada detalhe traz um mundo de significados que transcendem a nossa própria capacidade de compreensão.

3.1 Processos de travessia

Quando Sayad nos diz que por trás de todo imigrante há um emigrante (SAYAD, 2000, p. 11 e 13), ele nos ajuda a entender que em todo processo de travessia encontramos no mesmo indivíduo o que entra em um novo território e o que deixa para trás a sua terra. Trata-se da dinâmica do movimento migratório de cada passo do seu protagonista. Uma saída, forçada ou não, sempre rompe com uma existência e desafia a pessoa a deixar estruturas que até então a mantinha. Isso ocorre mesmo em situações adversas nas quais essas estruturas sustentam a esperança de ficar e, simultaneamente, desafiam a esperança de partir. A ambiguidade destacada por Sayad é própria da crise que está entre o ir e o ficar, a esperança e o medo, a adrenalina da partida associada ao medo da novidade que está por vir. Neste "nó das contradições" é que nós procuramos compreender os relatos ouvidos durante as entrevistas. Cada história vem carregada de sentimentos que se tornam um primeiro fundamento na nova constituição das Estruturas de Plausibilidade.

Quando Cláudia (México) se apaixonou pelo primo de sua amiga, ela não esperava que dois meses depois estaria no Brasil. “Foi amor”, diz Cláudia, que estava maravilhada com a possibilidade de conhecer um novo país e ainda, ao lado daquele que escolhera como seu marido. Ela conta que “a ficha só caiu” duas semanas depois da sua chegada em São Paulo. Foi aí que ela percebeu que não tinha mais seu país, seus pais, seu irmão e que, nem mesmo sabia falar a língua do lugar onde estava. Esse ‘dar-se conta’ colocou Cláudia diante da dor da solidão e da angústia. Ela já não tinha mais nada daquilo que sempre foi a base de sua vida. A depressão tomou conta de seus dias. As conversas por videochamada a deixavam mais tranquila, mas, o que ela não esperava era que, 45 dias depois de sua chegada ao Brasil, o seu pai, lá no México, viria a óbito. O retorno quase que imediato ao México para sepultar o pai a ajudou a reviver a experiência da partida e o drama de deixar para trás tudo que havia construído. Depois de algum tempo, Cláudia voltou para o Brasil. Ela já não tinha o êxtase da primeira vinda, agora tinha a consciência da família que tinha formado aqui e, mais ainda, a consciência da família que tinha deixado lá. Como afirmam Berger e Luckmann (2012): “Certamente deve-se procurar na constituição subjetiva do sentido a origem de todo o acervo social do conhecimento, do reservatório histórico do sentido, do qual se nutre a pessoa nascida numa determinada sociedade e numa época certa” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 18). O primeiro, e, depois, os muitos retornos de Cláudia ao México, fizeram ela percorrer o que a constituía enquanto pessoa, sua história familiar e seu contexto social. Quando afirma que “amadurecer dói”, ela se coloca na condição de reconstrução do próprio sentido, abrindo-se aos novos processos subjetivos que a formam e a inserem em um novo contexto social.

Diana (Peru) passou pela experiência da ausência antes de iniciar seu processo de migração. Quando ela tinha onze anos, sua mãe migrou para o Brasil, onde veio trabalhar na casa de uma família argentina residente em São Paulo/SP, com a expectativa de dias melhores para ela e sua filha. Diana, menor de idade e filha de pais separados, não pôde acompanhá-la e foi deixada na casa de um tio. Sua mãe sempre manteve contato, mas devido a problemas com documentação, ficou por um longo período sem ir ver a filha. A ausência da mãe a acompanhou por longos sete anos, até que ela completasse a idade de dezoito e pudesse viajar ao Brasil. A alegria de vir para junto da mãe a acompanhava e a entusiasmava de forma que todas as pessoas do seu entorno ficavam sabendo do seu desejo de vir ao Brasil. Quanto aos medos, só a língua a deixava insegura, tinha receio de não conseguir conversar, estudar e dar continuidade à vida interrompida ao migrar. Sua inquietação a fez aprender rápido o novo idioma:

> Eu falei, já está na hora de fazer alguma coisa da minha vida. Aí eu falei, mas o que eu faço? O que eu gosto? Eu gosto muito de ler, então eu já tinha começado a ler livros para as aulas de português. Então eu comecei a ler livros, comecei a ouvir músicas e a repetir as músicas. Então, aí eu comecei, aí eu falei para, não, eu quero fazer um cursinho, quero, fazer uma faculdade. (Diana, imigrante peruana em São Paulo)

Para Diana, seguir a vida sempre foi um objetivo, e a convivência e o agir social eram fundamentais para se manter dentro da estrutura que tornava plausível a própria vida, assim como diz Berger e Luckmann (2012): "A vida cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é somente neste agir que se forma a identidade pessoal do indivíduo." (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 17).

Para Victor (Peru), o processo de travessia foi planejado, organizado e estruturado. O gosto pela língua portuguesa o fez estudar e aproximar-se de uma amiga, estudante de letras, que fazia intercâmbio para aprender mais o espanhol e a cultura peruana. Antes de vir ao Brasil, Víctor foi pedir a bênção da *"Mamita de Chapi"* (principal devoção mariana do povo peruano), sua 'permissão' era fundamental para desbravar a nova terra. O sonho de migrar e a permissão da Virgem fizeram Victor desembarcar no Brasil. A sua meta era ficar três meses, hoje somam-se quase 22 anos em terras brasileiras. Quando perguntado como foi a experiência de migrar, ele foi objetivo: "difícil", muito embora tenha sido desejada e planejada, o que torna difícil, segundo ele, é o romper com os laços afetivos que o constituíam enquanto pessoa, deixar a pátria é deixar a própria casa, diz ele "a migração nos tira a terra, a família, nós ficamos sozinhos no mundo, as pessoas nem percebem, mas há muita dor". (Víctor, imigrante peruano no Brasil).

Segundo Victor, o maior desafio da migração é o sentido de não pertencimento a nenhum território, "não sou brasileiro, mas já não me sinto peruano, tornei-me um turista em meu próprio país e aqui, sou apenas um migrante", completa ele. Se falamos que migrar é viver entrelugares, Victor nos sugere que é viver sem lugar. Por mais que as experiências vividas nos processos de inserção contribuam para uma adaptação territorial e cultural, o senso de apropriação que brota da consciência do indivíduo torna-se lento e doloroso. É diante dessa angústia que se desencadeiam os processos de crise de sentido. Isto ocorre, principalmente, quando se considera que o alicerce para a constituição de novas estruturas de plausibilidade se dá quando se firmam os passos em uma nova realidade. A fé, segundo Victor, é o elo que vincula os dois territórios, somente quando ele trouxe a imagem da Virgem *de Chapi,* e com ela a memória da sua casa materna, foi que a ordem começou a ser recuperada, muito embora não plenamente.

Depois, nos encontramos com Maria Fernanda (México). Assim como Cláudia, foi o amor que a trouxe para o Brasil. No México ela conheceu seu esposo, um brasileiro que tinha migrado, ainda criança, com sua família. Ao longo dos anos suas histórias se cruzaram algumas vezes até que decidiram unir-se em matrimônio. Por circunstâncias profissionais, migraram para o Brasil. Para Maria Fernanda, há muitas semelhanças entre o Brasil e o México, mas o impacto da migração a assombrou quando ela se deparou com a agitação da cidade de São Paulo/SP. O seu esposo, na tentativa de ajudá-la a superar a saudade que a deixava em profunda tristeza, a levou para a Missão Paz. Ele pensava que, se Maria Fernanda tivesse a possibilidade de se encontrar com pessoas que viviam experiências semelhantes e pudesse celebrar ouvindo, rezando e cantando na própria língua, ela poderia se animar um pouco mais. De fato, essa experiência foi fundamental para ela. Junto aos seus, Maria Fernanda pôde se redescobrir na fé e fraternidade que os faz irmãos. No entanto, viver a experiência na Missão Paz a fez perceber a necessidade de poder participar e celebrar na comunidade local, permitindo-se acolher a novidade do idioma, dos costumes e dos ritos próprios de cada lugar. Somente se afirmando na sua realidade pessoal, ela se permitiu viver uma nova realidade comunitária e eclesial.

> Uma tal perfeição na estrutura de plausibilidade é improvável. Por esta razão, a comunidade de apoio (neste caso, a Igreja institucional) providencia práticas, rituais e legitimações específicas que mantém a fé acima e além de sua sustentação básica por um meio social católico. Isto, é claro, inclui todo um conjunto de práticas piedosas, desde os sacramentos formais até os ritos particulares de reasseguramento (como a oração), recomendados ao indivíduo. (BERGER, 2018, p. 68)

As narrativas das travessias contribuem para entendermos melhor os impactos causados pela migração na elaboração da consciência de vida em novo território. Muito embora nas situações analisadas não tenhamos nos deparado com situações de migração forçada, encontramos situações de dor provocadas pelos vários tipos de rompimentos causados pelo ato de sair, de deixar para trás relações de sentido e estruturas de vida.

3.2 Ser migrante, estar com migrantes: desafios e perspectivas

A migração não é apenas uma escolha pessoal, é um evento social. Sua necessidade parte de conjunto de realidades que obrigam a pessoa a tomar uma decisão junto ao grupo social a que pertence. Berger e Luckmann (2012, p. 31) afirmam que quando nos deparamos com um mundo social

em “frequentes crises subjetivas e intersubjetivas de sentido”, não devemos procurar no indivíduo o estopim para tal situação. O mais provável, segundo eles, é que seja um mal social. Isto é, uma crise que se desencadeia na própria estrutura social à qual o grupo está submetido. Na contínua necessidade de relações que conferem significado ao sentido, a pessoa que migra, sempre que possível, busca na “Comunidade de Vida” a segurança da própria consciência cultural e social.

Quando Yolanda (Peru) veio para o Brasil, ela já tinha feito a experiência de migrar dentro do seu próprio país. Ela narra que ainda era muito pequenina, mas precisou adaptar a vida do campo à rotina agitada da cidade de Lima. Contudo, o núcleo familiar estava reunido e tudo se tornou mais fácil. Já na vida adulta, Yolanda migrou sozinha para o Brasil. Como ela mesma diz, trouxe na mala “só a coragem” e a expectativa de reorganizar a vida. Na busca de regularizar a documentação, ela chegou à Missão Paz: “A Missão é muito importante, porque lá eu encontro meus conterrâneos, a gente tem essa fé, a fé no *Señor de Los Milagros* que nos reúne todo mês, todo mês temos a novena”. Yolanda conclui essa parte da entrevista afirmando que, “quando eu quero encontrar meus irmãos, eu vou até a Missão”. Nessa perspectiva, a Missão Paz tornou-se, para Yolanda, um lugar de encontro, uma experiência de família alargada que dá sentido ao próprio sentido de manifestação fé, de encontro com a cultura.

> A realidade subjetiva depende assim sempre de estruturas específicas de plausibilidade, isto é, da base social específica e dos processos sociais exigidos para sua conservação. Só é possível o indivíduo manter sua autoidentificação como pessoa de importância em um meio que confirma esta identidade; uma pessoa só pode manter sua fé católica, se conserva uma relação significativa com a comunidade católica, e assim por diante. A ruptura da conversa significativa com os mediadores das respectivas estruturas de plausibilidade ameaça as realidades subjetivas em questão. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 198-199).

Fernando Damián veio para o Brasil em um contexto social diferente dos apresentados por nossos entrevistados anteriores. Ele entrou em terras estrangeiras como religioso (Missionário Scalabriniano) e estudante. Veio com um objetivo específico e uma causa maior. Na Congregação Scalabriniana conviveu com outros migrantes religiosos e dedicou parte do seu tempo ao cuidado com as pessoas que diariamente chegavam na Missão Paz em busca de auxílio. Anos depois, Damián deixou a congregação religiosa. Ele diz

que só neste momento "se sentiu um migrante", já não tinha mais visto de estudante, nem o amparo da instituição. A necessidade o obrigou a buscar um lar, um emprego e a viver o desafio de ser mais um 'indocumentado'. Era preciso ter um pouco mais de atenção em tudo, já que tudo parecia muito inseguro. Ele conta que buscou auxílio no Consulado Mexicano no Brasil, mas esse não colaborou muito. Com o auxílio de pessoas próximas, seguiu seu destino até sentir-se novamente estável. Ele contou que, dias antes da entrevista, foi a um restaurante de comida mexicana, ele precisava 'voltar em casa': "O restaurante parecia a casa da minha avó, me remete a casa, então, aquilo se transformou em um lugar onde você se conecta com a sua raiz, se conecta com a sua Terra. Então você faz essa viagem, mesmo que seja na memória, não é? Mas que traz presenças e lembranças, não é? Então mata saudade!". Damián se casou e hoje trabalha como professor, tem um lugar para morar e estabilidade financeira, agora tem, também, documento.

Victor (Peru) conta que encontrou na companhia de outros migrantes uma possibilidade de se integrar no Brasil. Um mês após a sua chegada, ele conheceu a Missão Paz. "Quando estou na Missão sinto que estou na minha casa, lá no Peru." Celebrar na própria língua, dançar, comer, cantar, vestir e encontrar pessoas que vivem experiências semelhantes contribuem para alegrar o corpo e o espírito, sempre na perspectiva de sentir-se mais inteiro na pátria que escolheu viver. A experiência de Victor ajuda-nos a compreender o que Berger e Luckmann (2014, p. 203) escrevem sobre a comunidade religiosa no processo de identificação com o novo grupo social e de reconstrução da própria Estrutura: "Esta (comunidade religiosa) fornece a indispensável estrutura de plausibilidade para a nova realidade".

No entanto, no depoimento de Victor, ele nos ajuda a compreender que, numa realidade de migração, muitas vezes, a pertença à uma "Comunidade de Vida" pode contribuir para o "não querer integrar-se no novo território". Isto é, a possibilidade de viver os momentos celebrativos e festivos de acordo com a própria cultura não permite uma inserção plena na nova realidade territorial. "A pessoa está aqui, mas a mente e o coração estão sempre lá, no seu país, isso não é bom. Para ficar bem, é preciso está inteiro aqui." (Victor, imigrante peruano).

Maria Fernanda (México) narra a mesma experiência, "o que a Missão nos oferece é muito importante para ajudar a manter vivo em nós as alegrias da nossa própria terra. Mas não podemos ficar só ali, é preciso celebrar também em língua portuguesa, é preciso viver de acordo com os costumes próprios do país que estamos vivendo."

> Assim como a ausência, a presença também tem seus próprios efeitos. Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma

> outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos. (SAYAD, 2000, p. 14)

Para estar inteiro é verdadeiramente necessário a formação do sentido e a aceitação de novos processos de ressignificação. Para isso, a justa compreensão das características identitárias são fundamentais à confirmação do próprio ser que se submete a constantes movimentos subjetivos e objetivos. As "Comunidades de Vida" são responsáveis por acolher e contribuir na formação do sentido, mas não podem ser responsáveis pelo engessamento das relações e pela sustentação de uma presença vazia de significações.

3.3 Ressignificações

> Inicialmente, relação com o tempo, que é a noção do retorno tal como se configura no imaginário imigrante (e pelo imaginário do imigrante), o retorno é para o próprio imigrante, mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva; portanto, uma temática da memória que não é somente uma temática da nostalgia no sentido primeiro do termo, a algia do *nostos* (a dor do retomo, a saudade da terra), um mal cujo remédio se chama o retorno (hostos) [...] (SAYAD, 2000, p. 12).

Esse caminho de ressignificação assumiu muitas formas e intensidades, inclusive com as mudanças nos processos migratórios e de várias formas a partir dos lugares de origem e de chegada. Cláudia (México), quando recorda a festa do *Día de Muertos*, nos coloca dois processos de ressignificação: o primeiro ainda acontece junto ao povo mexicano, quando a morte passa a ser celebrada com festa, música, comida e dança. Atribui-se à dor um novo significado que supera a morte: "Enquanto a família leva o corpo da pessoa morta, outros estão tocando música. Porque lá no México, quando alguém morre, a gente chora porque sente saudade, mas para nós é como uma festa, nada a ver com o halloween, porque é outra coisa, mas para nós é uma festa! Lá no cemitério muitas pessoas costumam fazer almoço. No cemitério, no Día de Muertos, colocamos muitas flores, (...) a flor é para dar alegria, para

oferenda!" (Cláudia, imigrante mexicana). Já o segundo acontece no Brasil, Cláudia celebrou seu primeiro *Día de Muertos*, com um sentimento duplo, preparar o primeiro altar em sua casa e a este, dedicar o seu pai: "Então foi muito difícil, porque a primeira oferenda que eu coloquei aqui no Brasil foi para meu pai. Então foi superdifícil. Eu colocava cada coisa e orava, e orava, e orava, porque eu nunca pensei como seria. E a primeira vez que eu estava longe do meu país. Tipo, estava morando numa casa sozinha e colocar a primeira oferenda para meu pai." (Cláudia, imigrante mexicana). A insistência em manter a tradição, mesmo diante da solidão e da dor da perda do pai, fez com que Cláudia encontrasse uma forma de compartilhar aquilo que era próprio de sua cultura: "Aí quando eu coloco aqui em casa (o altar), e vem pessoas, familiares, amigos e ver, pergunta [sic.] o que é isso? Eu explico. Teve anos que amigos e familiares traziam as fotos dos seus familiares para eu colocar na minha oferenda, de brasileiros. É superlegal porque, tipo, eles veem e: 'nossa que legal, que bonito, né!' Talvez meu familiar esteja aí com você e pede alguma coisa, faz uma oração. É legal ver as pessoas participarem da crença, na nossa crença." (Cláudia, imigrante mexicana). Hoje, além de acolher novas pessoas no altar que dedica ao seu pai, Cláudia prepara enfeites próprios para *o Día de Muertos*.

Assim como Cláudia, Maria Fernanda, encontrou nos cultos tradicionais do seu país uma forma de dar sentido a sua fé. Segundo ela, quando morava no México não tinha o costume de celebrar o *Día de Muertos. P*or ser do norte do país, o caráter festivo desse dia não estava presente na tradição familiar. Foi no Brasil que ela aprendeu o que realmente significa a festa para o povo mexicano, foi aqui que ela sentiu a necessidade de celebrar. Hoje, em sua casa, em novembro, há um altar. A memória dos entes queridos falecidos é feita nas oferendas apresentadas, nos relatos narrados e na tradição que sustenta a esperança do encontro entre nós e aqueles que já morreram. Assim como a festa da Virgem de Guadalupe, para Maria Fernanda, celebrar o *Día de Muertos* é a possibilidade de unir-se ao seu povo e manter vivos os traços culturais que o identificam enquanto nação.

Duas histórias se cruzam nesse processo de ressignificações a partir das experiências religiosas. Victor, já conhecido por aqui e Elvira, migrante peruana, residente no Brasil há quase 18 anos. Ambos viveram a experiência de celebrar *'La festividade em honor al Señor de los Milagros',* em Lima/Peru ou em cidades vizinhas. Para eles, celebrar a maior festa do povo peruano em terras brasileiras é uma possibilidade de reencontrar o núcleo da fé de cada um e de todo o seu povo. Para Elvira, o incenso oferecido ao *Señor de los Milagros* perfuma a comunidade ao mesmo tempo que leva para Deus as preces de seus filhos e filhas. O cheiro do incenso é o cheiro da cidade

de Lima. “É como se fossemos transportados para o nosso país, o incenso nos leva de novo para junto do nosso povo” (Elvira, imigrante peruana). Para cada um, ornamentar o andor, preparar as vestes, as brasas, organizar a procissão no centro de São Paulo é uma experiência que os sustentam para um ‘novo ano’ que se inicia a partir da contemplação do rosto negro de Cristo Crucificado.

> Para o indivíduo pode a Igreja representar então a comunidade mais importante de sentido; por meio dela pode lançar uma ponte significativa entre sua vida particular e sua participação nas instituições sociais. A Igreja pode, por exemplo, comunicar sentido tanto para sua vida familiar quanto para sua cidadania”. (BERGER, LUCKMANN, 2012, p. 73-74)

Entre os significativos processos de ressignificações vividos pelos migrantes em sua constante busca de sentido, nos deparamos com possibilidades de novos significados até mesmo entre as estruturas mais rígidas nas festas religiosas celebradas em outros territórios. Para Elvira, celebrar o *Señor de los Milagros* em Lima, no Peru, tem o sentido da grandeza e da relação com a própria cidade. No entanto, celebrar no Brasil lhe abre a possibilidade de conduzir o andor com o quadro do Cristo Negro, algo que jamais seria possível em Lima, considerando que essa é uma função unicamente para os homens. Conduzir o Senhor é a certeza que a história de Cristo está associada à sua história, permitindo-lhe a dignidade de estar inteira diante do Cristo. Como mulher migrante e peruana, para ela, é como se pudesse representar em si todas as mulheres do Peru, impossibilitadas de vivenciar essa missão.

Nas histórias contadas e nas vidas entrelaçadas, encontramos as experiências de um povo que encontra na fé possibilidades de superação da ausência; que buscam na crise a certeza da presença de um ser superior que os sustentam na caminhada; encontramos as mãos daqueles e daquelas que recriam formas de celebrar mesmo em situações adversas. Percebemos que a criatividade para se adaptar às circunstâncias surge da escuta e da necessidade do encontro; da vontade de reviver os caminhos que compunham as experiências individuais formadas a partir do senso coletivo; e do desejo de manter vivo, para si e para os seus, uma realidade de fé. Tal realidade é fruto de uma devoção que se sustenta na irmandade e no sonho do retorno à casa, seja do corpo mortal, seja do espírito que transcende às distâncias e vai ao encontro das muitas árvores plantadas na terra natal de cada uma, de cada um.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos esta pesquisa com o objetivo de verificar qual o papel da fé nos processos de construção do sentido entre pessoas que viveram e/ou ainda vivem processos de travessia. Durantes as entrevistas e no próprio processo da pesquisa, tínhamos em mente entender as travessias físicas (deslocamento entre um lugar e outro) e como as experiências religiosas se sustentam nesses processos. Na escuta aos migrantes vimos que os conceitos apresentados pelos autores estudados estão, de fato, presentes nas vivências dos entrevistados. Embora não apresentados no texto e, a partir da própria experiência da pesquisa, também compreendemos que mesmo entre aqueles e aquelas que nunca migraram de um lugar a outro, encontramos constantes processos de travessias, sejam de forma subjetiva, na consciência de cada pessoa, sejam nos contextos sociais aos quais somos diariamente submetidos.

De forma menos ou mais intensa vivemos em travessias e, graças a elas, estamos em constante processo de ressignificação dos sentidos que constituem a nossa existência. Constatamos, também, que mesmo entre as pessoas que não participavam de nenhuma expressão religiosa, crer em algo ou alguém se torna necessário na superação da crise e nos processos de significação da fé.

A pesquisa, longe de concluir, abre-nos a capacidade de ouvir os relatos para compreender os conceitos apresentados. Encontramos na saudade de Cláudia e no sonho de Diana e Victor, o pensamento de Berger e Luckmann que se debruçam sobre o tema das "Estruturas de Plausibilidade" e a noção de "sentido". Observamos em Damián a capacidade de se reinventar quando o obvio foge aos pés; e em Yolanda e Elvira, no empenho para preparar a festa do *Señor de Los Milagros*, a importância do que Berger denomina "Comunidades de Vida" que se relacionam, também, aos grupos religiosos. E, em tudo isso, ainda estamos à procura de ressignificar a nossa existência, de construir novas estruturas e de continuar lutando pelos direitos de todos os povos, especialmente, daqueles que vivem dolorosos processos de deslocamentos.

NOTAS

[1] Este artigo foi desenvolvido a partir da dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

[2] Essa afirmação inicial fundamenta-se, tanto nos autores que serão citados nessa pesquisa, como nas iniciativas acadêmicas e publicações desenvolvidas no período citado. Entre elas destacam-se: Simpósio Internacional sobre Religião e Migração. (Disponível em: <http://www.missaonspaz.org/noticias/acontecimentos/09-03-2021/inscricoes-abertas-para-vi-simposio-internacional-sobre-migracao-e-religiao-1>. Acesso em: 29 mar. 2021); A Revista Travessia, com sua publicação quadrimestral, editada pelo Centro de Estudos Migratórios, que também organiza o 'Diálogos do CEM': Evento mensal sobre o tema da migração (Disponível em: <http://revistatravessia.com.br/eventos/dialogos-do-cem>. Acesso em 29 mar. 2021); ainda os Anais do VI Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, organizado pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), realizado em 2017.

[3] Peter Berger nasceu em Viena no dia 17 de março de 1929. Ele migrou para os Estados Unidos ao final da segunda guerra mundial, depois de passar por um período de formação na Inglaterra. Como sociólogo, dedicou-se ao estudo da religião e de temas importantes da atualidade como: modernidade, pluralismo, crise de sentido, religião e sociedade etc. Dizia ser "incuravelmente luterano", mas ao se apresentar, não se incluía em nenhuma religião ou filiação religiosa. Dedicou-se à docência e a pesquisa junto à Universidade de Boston, onde, em 1985, fundou o Instituto para a Cultura, Religião e Assuntos Mundiais. Morreu nos EUA, em 27 de junho de 2017. (Fonte: Instituto Humanitas – Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/569380> e <https://www.ihu.unisinos.br/569225-falecimento-peter-berger-importante-sociologo-da-religiao> Acesso em: 06 mar. 2022).

[4] O registro de uma das vezes em que o Prof. Dr. Igor Guatelli usou essa expressão pode ser encontrado no vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38GTizGy-jw> Acesso em 19 jan 2023.

[5] Reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, a celebração do *Día de Muertos* é um encontro festivo com aqueles que já partiram. Trata-se de um encontro mediado pela recordação, a partir dos inúmeros símbolos próprios dessa festa. Além disso, caracteriza-se como um encontro mediado pela certeza da comunhão entre os vivos e os mortos, como manifestação de uma vida continuada entre as gerações, sob a proteção dos ancestrais.

[6] "Abdelmalek Sayad (1933-1998) nasceu em Aghbala, na comuna cabila de Beni Djellil, na Argélia, país marcado por mais de um século pelo regime colonial francês (1830-1962). (...) Único filho de uma família de camponeses, recebeu do pai, liderança política local, apoio e suporte para se formar. Torna-se professor de ensino escolar e, paralelamente, entre 1958 e 1961, continua seus estudos na Universidade de Argel, onde, sob orientação do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), forma-se para o desenvolvimento de pesquisas de campo engajadas na denúncia do colonialismo. (Fonte: Enciclopédia Antropológica – FFLCH – USP. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/abdelmalek-sayad> Acesso em: 22 dez. 2022).

[7] A Missão Paz é parte da missão realizada pelos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos, que recebeu de seu fundador, São João Batista Scalabrini, o carisma de ser sinal de Cristo entre as pessoas que foram obrigadas a sair de suas terras e servi-las

com ternura e fraternidade. Tem como missão ser "uma instituição filantrópica de apoio e acolhimento a imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo. (...), ela atua em favor do público migrante desde a terceira década do século XX" (MISSÃO PAZ, [s.d.]).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ANPTECRE). **Anais do VI Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião**: Religião, Migração e Mobilidade Humana. Goiás: ANPTECRE, 2017.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 2018.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Questões sobre depoimentos orais**. 2010. Síntese apresentada em aula no dia 02 out. 2020. [Documento acadêmico interno]

CARVALHO, Daniel; FILHO, José Ramalho. A força do Rito: entrevista a Giorggio Bonaccorso. **Revista de Liturgia**, n. 281, p. 15-19, set./out. 2020.

FREITAS, Antonio; ARAÚJO, Cosma; SALES, Telma. "O que essa revista está documentando?": entrevista com a professora Verena Alberti. **História Oral**, v. 20, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2017.

MISSÃO PAZ. **Missão, visão, valores**. [s. d.]. Disponível em: http://www.missaonspaz.org/conteudo/quem-somos/missao-visao-e-valores. Acesso em: 1 fev. 2020.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Revista Travessia**, n. esp., p. 7-32, jan. 2000.

SEVERINO, José Roberto. Migrar/emigrar/imigrar: algumas reflexões sobre cultura e território. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 8., 2012, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=Dfk0X7wAAAAJ&citation_for_view=Dfk0X7wAAAAJ:qjMakFHDy7sC. Acesso em: 10 set. 2021. [1, 2]

RESUMO

O tema da migração abre caminhos para diversos campos de entendimento, sejam esses teóricos ou práticos. Sem deixar de considerar nenhum deles, nossa proposta neste texto, é limitar esse campo de entendimento à compreensão dos processos de desconstrução e construção do sentido e das crises que se desencadeiam nas rupturas provocadas pelas travessias forçadas ou espontâneas. Muitas rupturas são provocadas pela ausência do lugar, das pessoas que dão significado às relações sociais e às manifestações culturais que identificam o lugar e o grupo social que nele habita. O conhecimento desses conceitos nos proporciona uma leitura fundamentada da experiência vivida por um grupo de migrantes mexicanos e peruanos. Suas narrativas, compartilhadas em entrevistas semiestruturadas, formam a segunda parte do texto que tem como objetivo relacionar as experiências vividas com os conceitos apresentados. Nas histórias narradas e nas vidas entrelaçadas, encontramos as experiências de um povo que encontra na fé possibilidades de superação da ausência, que buscam na crise a certeza da presença de um ser superior que o sustenta na caminhada.

Palavras-chaves: Migração; Travessia; Crise; Significação; Fé.

ABSTRACT

The theme of migration opens pathways to various fields of inquiry, whether theoretical or practical. While acknowledging all of these, our proposal in this text is to focus specifically on the processes of deconstructing and reconstructing meaning, as well as the crises that emerge from the ruptures caused by forced or spontaneous crossings. Many such ruptures are triggered by the absence of a place—and of the people who imbue social relations and cultural manifestations with meaning—thereby defining both the location and the social group that inhabits it. An understanding of these concepts provides a well-grounded interpretation of the experiences lived by a group of Mexican and Peruvian migrants. Their narratives, shared through semi-structured interviews, form the second part of this text, which aims to connect these lived experiences with the concepts presented. Within these stories and intertwined lives, we encounter the experiences of a people who find, through faith, the possibility of overcoming absence—seeking, amidst crisis, the certainty of the presence of a higher power that sustains them on their journey.

Keywords: Migration; Journey; Crisis; Meaning-Making; Faith.